



A maldição das pedras e a epopeia do zeferino

Em dia sumamente auspicioso, foi cumprido o objetivo fundamental da visita pedagógica ao Palácio Nacional de Maфра - o mesmo é dizer... ao “calhau” do rei megalómano.

Ali, ilustrados pela maviosidade da competente guia turística (“É só uma pedra, e aos visitantes (...) é uma pedra só”), acompanhámos avidamente a explicação e contemplámos a magnificência permitida pelo ouro de minas gerais - e pelo sangue rubi de baltasares e franciscos (marques – marqueses, não).

Afinal, a pedra rachou, abriu lanho, onde moram agora percevejos e quejandos (“donde este bichedo vem é que não se sabe”). Valham os morcegos pipistrelas aos códices da nossa memória!

O rei atrábile não estava. Tinha partido. Estava a rainha no seu quarto, mas não quis receber estranhos de outras eras. Talvez sonhasse com o que sonham as mulheres de tal condição! Blimunda, sim, recebeu-nos, fraterna, após o pobre pão daquele dia, apesar de chorosa, saudosa do seu maneta.

Entretanto, quiseram as megeras que faltasse o combustível à nossa princesinha, mas a coragem, o mesmo é dizer a perseverança, o mesmo é dizer a nossa serenidade e a heroicidade do zeferino, permitiram que fosse feita a prova da máquina - que, “erguendo a sua cabeça de gaivota”, plena de vontades e âmbares, rumou à terra de outro marquês - que conde também foi, com rubi ou sem rubi, vá lá acreditar-se no que se quer ou no que convém.